CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CORRESPONDÊNCIAS - RITA AZEVEDO GOMES | REALIZADORA CONVIDADA
14 E 17 DE NOVEMBRO DE 2026

EIKA KATAPPA / 1969

um filme de Werner Schroeter

Realização, Argumento e Montagem Musical: Werner Schroeter / Fotografia: Werner Schroeter e Rovert Van Ackeren / Interpretação: Gisela Trowe, Carla Aulaulau, Rosy-Rosy, Magdalena Montezuma, Alix V. Buchen, Rita Bauer, René Schenenberger, Ingo und Sigurd Salto, Stefan V. Haugk, Camille Calabresse, Rosa Von Praunheim.

Produção: Werner Schroeter / Cópia: 35mm, preto & branco e cor, versão original falada em napolitano, siciliano e alemão, legendada eletronicamente em português, 149 minutos / Inédito comercialmente em Portugal (Primeira apresentação em Portugal: Cinemateca, "Ciclo de Cinema Alemão", em 30 de Janeiro de 1981).

Entre todos os cineastas da geração alemã dos anos 70, Werner Schroeter foi um caso extremo, e esta sua primeira longa metragem será sempre uma boa porta de entrada para o seu universo pessoalíssimo. Nascido no ano do fim da guerra, 1945, lançado no cinema experimental aos 22 anos, Schroeter veio desde então a construir uma obra múltipla onde se juntam filmes, encenações teatrais e operáticas para além de textos críticos, justamente em torno da ópera e do cinema. Ao risco total, mas teoricamente organizado, dum Straub ou dum Syberberg, opôs a ruptura dos sistemas, a irrupção dos impulsos primitivos, a troca da perfeição pelo prazer. Nada quis saber da exactidão ou do despojamento (de Straub), assim como nada lhe interessou o hieratismo (de Syberberg): por isso foi geralmente referido como o primeiro nome do *underground* alemão, e também por isso nele se misturam muitas referências culturais não germânicas.

Em primeiro lugar, então, um cinema anti-regras, um cinema de colagens, de choques, de barroquismos, de kitsch ... Um cinema que, como o próprio realizador precisa, "nasceu da plena confusão ideológica e artística, por alturas de 68"... Em segundo lugar, um cinema que, como não podia deixar de ser, tem algo a ver com a teatralidade. Mas tê-lo-á por caminhos muito diferentes dos habituais, porque o que se trata aqui é na realidade da cena lírica, do teatro extremo (extensão da voz, extensão e ostentação das convenções) que é a ópera. E, tal como não são propriamente teatrais, os filmes de Schroeter não são propriamente "operáticos": desta ebulição de imagens e sons desencontrados, o efeito pouco tem a ver com a encenação operática em si mesma, e nem sequer parece ser por se ouvir muita ópera que dela nos estamos a aproximar. O que haverá, de facto, é um *sentido da ópera* como espectáculo extremo e como uma certa forma de fazer intervir a voz: espectáculo extremo quando, como aqui, um dueto de amor tem uma grandeza maior do que na vida, e a sua representação apenas obedece a esse excesso (e não ao naturalismo, ao escamoteamento da convenção); intervenção da voz, quando, como aqui, é a partir

dela que se destrói e reconstrói o espaço visual. Neste sentido, portanto, os filmes de Schroeter são tão operáticos quando se ouve Verdi como quando se ouve Presley ou uma discussão napolitana – o sentido da ópera está justamente na ligação e na função desse conjunto. E, última chamada de atenção: se este sentido da ópera existe, ele terá mais a ver, de facto, com o mestre italiano do que com o alemão: aqui (e desta vez não é indiferente) o que se ouve é Verdi e não Wagner, e o mito mais presente tem a voz e o rosto de Maria Callas, celebrizada pela interpretação do reportório italiano. É a componente "não germânica" do autor, a que tanto o liga ao país mediterrânico e, em especial, à sua sensibilidade mais autêntica que é o "Reino de Nápoles"... (como se vê no filme a que deu este nome, e como se vê aqui no tom geral da obra e no episódio registado nessa cidade).

Falando disto tudo, foi de **Eika Katappa** que falámos. Porque é o estado mais puro deste universo caótico, o ponto de arranque (à parte as experiências em 8mm) onde tudo explode e o risco é menos temido. É um filme de colagem, misturando preto e branco e cor, Callas e Caterina Valente, mitologias germânicas e tragédia de rua em Nápoles. É um filme totalmente experimental, onde se aposta no excesso e na imperfeição técnica, onde, para além disso, não há um segundo de sincronismo imagem-som, e onde, como parece ter sido habitual em Schroeter, a movimentação dos actores foi registada ao som de músicas diferentes das que quase sempre se ouvem. Um caos que tem um tema – o dueto de amor e a elevação erótica, a paixão e a preciosidade da vida nos seus últimos limites (por isso se falou de escatologia) – e um método – dividindo-se numa sucessão de "partes" que, no entanto, são ciclicamente retomadas – mas que permanece como tal, como massa informe, à espera dum desejo e dum esforço criador por parte de quem o vê, para que possa ser completado.

José Manuel Costa

Folha de sala originalmente redigida por ocasião do Ciclo de Cinema Alemão, 1981.